

# CRISTIANO MASCARO

## textos críticos

### **Amizades alinhavadas**

**Sebastião Salgado**

**Bombaim, Índia**

**Outubro de 1995**

Meu primeiro encontro com Cristiano Mascaro aconteceu em Paris. Foi em 1970. Época de minha entusiástica descoberta do mundo das imagens. Queria passar das tabelas e gráficos da sociologia ao sonho sublime da materialização em fotografias dos sentimentos, das dignidades, dos sofrimentos e das esperanças.

Fotografar para mim seria algo diferente dos livros de economia, diferente das propensões marginais a consumir e das funções de produção; seria algo possante e pleno, como a imobilização de um sonho extravagante, um tanto engordurado para se deixar apreender naquela fração de segundo tão decisiva e essencial, na contínua curva dos fenômenos da vida.

Naquela época de devaneios, de viver navegando no ápice das ondas dos sonhos que se encadeavam com os estudos de economia e política, fatos aconteciam que me obrigavam, muitas vezes, a descer à realidade das coisas materiais, ou seja, da sobrevivência.

Uns mais, outros menos graves, mas que sempre traziam sua solução através de algum trabalho extra ou da conquista de uma ajuda financeira temporária, dada por uma organização de apoio a estudantes estrangeiros. Houve um momento, porém, que algo catastrófico se passou, imobilizando-me por bastante tempo na via do desvio da bruta realidade: roubaram meu objeto supremo de prazeres, a minha primeira câmera fotográfica. Estou falando da Asahi Pentax de Lélia, minha companheira.

Eu errava desnorteado durante uma feijoada oferecida na incomum Casa do Brasil em Paris. Estava sofrendo no fundo da alma a minha (nossa) perda, quando me deparei pela primeira vez com meu futuro amigo. Ele estava ao lado de uma japonesinha linda e levava, como um sol bem cravado no centro do peito, uma sublime Nikon FTN preta, equipada com uma lente de 55 mm; a alça de couro que pendia do seu pescoço era um tanto curta, fazendo com que a câmera naquela posição tão alta desse a ele a aparência de um superatleta da imagem. O conjunto me transmitia um claro sentimento de que ele estava seminu, vestido apenas de suas ferramentas –ferramentas de imagem–, sendo levado por Satiko, sua mulher, a um pódio.

E isso tudo ali, bem na minha frente! E com tanta experiência! O que descobri nos momentos que se seguiram ultrapassava qualquer expectativa daquele sonâmbulo da fotografia que era eu.

Antes mesmo de terminar a universidade, ele já havia começado a trabalhar em uma grande revista brasileira e estava na Europa só afinando as cordas de seu instrumento já bem definido. Transitava entre a Suíça e a Universidade de Vincennes, em Paris,

onde fazia o curso de análise semiológica, além de outro de sociologia do cinema e mais um de gráfica. Enfim, de coisas feitas para o adorno e engrandecimento das imagens.

Já havia feito também uma viagem como repórter pela Bolívia e pelo Peru. E, mais que isso, trazia consigo os louros dessa vitória, o prêmio que havia ganhado pela força de suas imagens em preto-e-branco. Ele era frágil e mais jovem do que eu, que tinha ali, na minha frente, uma espécie de herói-menino, alguém que havia aceitado o desafio.

Desde o início nos entendemos muito bem. As afinidades e as paixões eram praticamente as mesmas. E era tão importante trocar idéias com alguém que, saindo da universidade, havia deixado falar mais forte que a arquitetura as primeiras palavras, apenas balbuciadas, da fotografia, que podia deixar coabitar, de forma circular e compatível, a vida profissional e os sonhos desmedidos.

Quando Cristiano voltou para o Brasil com o objetivo de continuar sua carreira na revista Veja, eu ainda seguia o curso de pós-graduação em economia na Universidade de Paris. Uma verdadeira amizade havia nascido de nossas longas trocas de idéias e de alguns esboços de reportagem que fizemos juntos. Sua influência e sua generosidade foram determinantes no amadurecimento de meu querer fotográfico. Algo decisivo já se delineava em mim a favor do mundo das imagens. Após sua partida, ficou ainda por muito tempo uma lembrança concreta e tangível daquele nosso primeiro encontro: uma Nikon FTN preta, calçada de uma lente 55 mm, com a alça de couro bem curta e mais duas lentes iguaizinhas às do Cristiano que Lélia e eu conseguimos comprar depois de mil e um jeitinhos, apertos e economias.

Pude seguir de longe algumas de suas reportagens. Fiquei impressionado com seu trabalho no terrível incêndio do edifício Andraus, em São Paulo. Quando eu trabalhava na Organização Internacional do Café, em Londres, trocamos ainda alguma correspondência. Em 1973, abandonei a segurança do meu trabalho de economista e arrisquei no que era para mim desconhecido: o mundo da imprensa. Havíamos voltado a viver em Paris e perdemos por completo o contato com os Mascaro. Procurava em vão suas publicações. Só no ano seguinte, quando fiz algumas reportagens na Europa para a revista Veja, fiquei sabendo que Mascaro havia abandonado o jornalismo – por coincidência no mesmo instante que eu tinha começado a minha nova aventura de repórter.

No início dos anos 80 voltamos ao Brasil, depois de uma longa ausência. Através de amigos em comum, conseguimos localizar Cristiano e Satiko. Foram tempos de acertos e redescobertas. Os filhos eram uma nova experiência acrescentada às outras, a vida já não era a mesma e todos nós havíamos mudado em nossas profissões. Satiko, que tinha se formado na FAU em São Paulo e seguido cursos de pós-graduação em Paris, não exercia mais sua atividade: transformara-se em estilista e iniciava uma nova carreira nas artes da moda e com sucesso. Lélia, que também havia cursado arquitetura na Escola de Belas Artes de Paris e urbanismo na Universidade de Vincennes, era agora diretora artística e trabalhava em uma revista de fotografia.

Eu, completamente afastado de minha antiga profissão, já me encontrava na agência Magnum, em plena atividade de repórter. O Cristiano mudara mais que todos nós; reaproximando-se da arquitetura, voltou para a FAU, onde era coordenador do Laboratório de Recursos Audiovisuais, e dava aula de fotojornalismo na Enfoco e de programação visual na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Santos.

Nada, porém, havia mudado nas afinidades e paixões que possuímos pelas imagens. Nossas trocas de idéias retomaram como se nunca tivessem sido interrompidas. Eu, com uma certa experiência de repórter que corria o mundo e trazia notícias de outros povos, como um andarilho desesperado; e Cristiano, como se tivesse centrado seu foco entre o passado acadêmico e a fotografia. Tinha agora uma barba negra e enorme, quase religiosa, e vivia numa incessante busca das coisas e formas da cidade. Havia mudado de quadragem e de câmeras, agora mais pesadas, produzindo negativos maiores e de melhor qualidade. Desbravava São Paulo inteira em seus momentos livres, arrastando num carrinho de mão as pesadas máquinas, suas novas ferramentas de imagens.

Tive o privilégio de acompanhá-lo algumas vezes por suas longas andanças através da metrópole. Avaliava perspectivas, buscava ângulos de luz, formas urbanas, como que exorcizando um fantasma escondido numa selva de linhas de pedra, de vidro e de aço. Acompanhava os cidadãos como um cirurgião buscando o fluido vital e ardente nas veias da cidade. Conseguia mergulhar nos interiores para captar as imagens das atividades dos grupos e das famílias, voltando em seguida à tona das perspectivas e praças de São Paulo.

Certa vez, nos arredores de Pinheiros, tive a nítida sensação de que Cristiano estava vivendo essa grande aventura que é descobrir a cada momento uma relação nova. Como quando na pontinha da língua se tem a sensação do ligeiro amarguinho da expectativa de que algo estranho e muito especial vai acontecer. Penso que isso é mais fruto da esperança e do estado de graça, que em alguns momentos só os fotógrafos imbuídos de não sei qual missão podem alcançar. Foi quando vimos uma criatura de sonho aparecer como por encanto em nossa frente pedalando uma bicicleta azul. Com os cabelos louros e muito longos, uma blusa transparente e um short muito curtinho, quase, quase nua. Deu duas voltas na rotunda, ali bem próxima, pedalando e pedalando, e depois desapareceu pelos parques e jardins da Cidade Universitária. Até hoje temos dúvidas: era algo real ou, quem sabe, apenas uma imagem fictícia materializada por alguns segundos, fruto talvez do extremo estado de graça em que meu amigo se encontrava na época?

Dessas longas peregrinações urbanas, quase um karma de paulistano “pioneiro Militão”, uma série de trabalhos fascinantes foi realizada: Bom Retiro e Luz: um roteiro, Paisagem paulistana, Retratos paulistanos, o livro na coleção As melhores fotos, com retratos de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Luís, uma dissertação de mestrado – O uso da fotografia na interpretação do espaço urbano – e uma tese de doutorado – A fotografia e a arquitetura. O conjunto dessas imagens é sem dúvida alguma uma das maiores contribuições para a fotografia de cidades.

Quando em 1988 abandonou o trabalho no Laboratório de Recursos Audiovisuais da FAU e a missão de lecionar na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Santos, optando pela vida de aventuras de fotógrafo independente, suas imagens já se enveredavam, às vezes, por caminhos mais tortuosos que somente as ruas da cidade.

Com ele e Pedro Martinelli, amigo desde os primeiros tempos da revista Veja e parceiro de alguns de seus trabalhos sobre a metrópole paulistana, desenvolvemos longos e interessantes debates sobre a fotografia documental e a missão de vetor do fotógrafo de ligar grupos humanos distintos, fazendo com que aqueles que não têm a possibilidade de se acercar dos eventos, problemas e desigualdades sociais possam vê-los, na tentativa de ajudar a provocar um debate e a encontrar soluções, uma vez que a

imagem é praticamente a única forma de escrita que não necessita explicação ou tradução: é uma linguagem universal.

Realizamos há pouco tempo, nós três, um trabalho coletivo. Viajamos juntos, tentando um esboço de reportagem da parte do trabalho sob minha responsabilidade. Foi quando vi que Cristiano tinha nas mãos uma câmera menor e mais leve. Que surpresa! Era uma Leica R6 preta, equipada de uma lente de 60 mm, e levava ainda duas outras lentes, todas iguaizinhas às minhas. Naquele momento não pude deixar de pensar no interior de Minas: “Êta destino zombeteiro, alinhavador de amizades!”

[www.cristianomascaro.com.br](http://www.cristianomascaro.com.br)